



Alice Ferraz alice@fits.com.br

A melhor fase da vida

Cheguei à conclusão de que estou vivendo, aos 53 anos, a melhor fase da minha vida. A frase é mesmo de impacto para um sábado pós-carnaval, mas traz um parecer sem exagero ou miopia e, garanto, não representa nenhum tipo de mantra de autoajuda para me convencer. O fato é que a idade, no meu caso, veio acompanhada de uma bem-vinda maturidade e de uma certa frieza para tomada de decisões que antes me mantinham em um emaranhado de ações impulsivas. Cheguei à conclusão de que o volume de energia atrapalhava, e muito, a alegria genuína que sinto agora na minha vida. Em-

barcar para Bali atrás de um namorado surfista que fugia de um relacionamento pode ser divertido como lembrança da juventude, mas é apavorante, pois a memória que ficou foi de angústia, tristeza e desamparo.

Eu vivi minha juventude bebendo a vida aos baldes, engasgando muito e colocando boa parte para fora. Não só no lado romântico, mas no profissional também, era só arrebatamento. Passei noites em claro com problemas que não eram meus e que ninguém tinha me pedido para resolver. Não posso dizer que toda essa entrega não me trouxe recompensas, mas a sensação de que não gostaria de viver nova-

mente essas emoções me faz ter certeza de que bom, não foi.

Voltando à fase atual, o fato é que me deparei com um muro enorme bem no meio dessa estrada que parecia aberta para meus maiores sonhos: a menopausa. A tão mítica quanto desconhecida fase da mulher madura me causou pânico. Bem agora no ápice, quando consigo ver quase o quadro inteiro e não só a próxima curva da minha existência, vou diminuir meu ritmo? Era tudo o que eu temia. Então, vamos às descobertas. O mito que envolve a menopausa foi criado porque não era comum falarmos sobre ela, por desconhecimento e me-

Sobre o desconhecimento, a ciência tem garantido pesquisas, normalmente lideradas por mulheres, com material para sabermos como encontrar nosso próprio caminho quando chegar o momento. Nos estudos, fica claro que não é o fim, o muro não é tão alto e é só mais uma fase da vida, com seus cuidados e, hoje, muitos recursos.

Pesquisar tem sido uma forma de me sentir confortável para tomar as decisões que me fazem sentir melhor fisicamente. Sobre o medo de falar e ser julgada como alguém agora talvez “fora do jogo” profissional ou romântico, cabe a cada uma de nós abrir o caminho, esclarecendo

as mentiras sobre a mulher madura. Prefiro e confio mais na inteligência e na sabedoria da Alice de hoje do que daquela refém dos picos que atrapalhavam, mas pareciam incríveis pela névoa da juventude. Sou mais sensata, confiável, sigo cheia de interesse, pulsante e conectada e, garanto, cheia de energia vital para minha vida romântica. A mulher madura pode ser uma parceira melhor para si e para seus pares. A próxima geração de mulheres pode vir sem o medo que eu tive dessa fase; como qualquer outra, ela vale a pena. ●

É ESPECIALISTA EM MARKETING DE INFLUÊNCIA E ESCRITORA. AUTORA DE 'MODA À BRASILEIRA'

SEG Simião Castro (quizenal) • TER, Patrícia Ferraz • QUA, Roberto DaMatta • QUIL, Luciana Garbin (quizenal), Patrícia Ferraz • SEX, Marcelo Rubens Paiva (quizenal) e Maria Fernanda Rodrigues • SAB, Alice Ferraz, Suzana Barélli, e Daniël Martins de Barros (quizenal) • DOM, Leandro Karnal, Sérgio Augusto e Ignácio de Loyola Brandão (quizenal)

Artes Visuais

Brasil é destaque na 'bienal do deserto' da Arábia Saudita

Mostra realizada fora de espaços tradicionais, reforçando ligação com a natureza, recebe pela 1.ª vez artista e curador do País

ALICE FERRAZ

Em meio à distópica paisagem do deserto da Arábia Saudita, uma fina linha dourada destaca-se no topo de uma espécie de vulcão. Dela, se desprende uma perfumada fumaça, que se dissipa de forma orgânica, chamando a atenção de quem passa por ali. A imagem é de *Sfumato*, instalação site específica criada pela artista brasileira Karola Braga para o Desert X Al-Ula, evento voltado às artes visuais que ocorre no noroeste daquele país.

Baseado no legado do Desert X, que ocorre no Coachella Valley, na Califórnia, o Desert X Al-Ula se conecta aos princípios da land art, movimento artístico que nasceu nos anos 1960 e reforça a ligação da arte com a natureza e o nosso entorno, extrapolando os espaços convencionais de galerias e museus.

A “bienal do deserto”, como foi apelidada, tem também pe-

la primeira vez a curadoria de um brasileiro, o paulistano Marcello Dantas, que assina a concepção da edição de 2024 ao lado da libanesa Maya El Khalil. A convite, os 16 artistas desenvolveram projetos sob o tema Na Presença da Ausência, guiados pela intrigante pergunta: o que acreditam não poder ser visto?

“A ideia é detectar algo que está latente no nosso presente, mas que não está em nosso campo de percepção imediato. Isso motivou os artistas a um diálogo muito rico, já que foi preciso trabalhar em escalas monumentais, tendo como norte um sentimento de humildade pela magnitude do espaço natural e do campo histórico dessa região”, explica Dantas.

ROTA DO INCENSO. Para a idealização das instalações, cada artista foi convidado a vivenciar o deserto por um período e a imaginar inúmeras possibilidades de relação entre o humano e o natural. Foi guiada também por esses preceitos que Karola Braga trouxe ao encontro da arte a emblemática Rota do Incenso, que há mais de 5 mil anos conduziu caravanas entre cidades, vilarejos e mausoléus.

“Madeiras, especiarias, ervas e incensos eram extrema-



Karola Braga e Marcelo Dantas em meio à magnitude do espaço natural da cidade-oásis Al-Ula

mente valorizados por nossos antepassados, resultando no desenvolvimento de rotas comerciais. As matérias-primas comercializadas eram empregadas em rituais religiosos, na

Conceito
Ideia é detectar algo latente no nosso presente, mas fora de nosso campo de percepção imediato

produção de ervas medicinais, medicamentos e perfumes”, afirma a artista. “Nesse contexto, Al-Ula teve um papel fundamental nas peregrinações realizadas ao longo da Rota do Incenso. As caravanas paravam em Al-Ula para descansar.”

INFLUÊNCIA. A presença de Braga e Dantas em um evento dessa proporção reforça a importância e o crescimento do Brasil nesse mercado. No fim de 2023, a revista *ArtReview* divulgou sua lista Power100, com os cem nomes mais influentes das artes visuais do mundo – artistas, colecionadores, curadores e diretores de instituições. Nessa última edição, seis brasileiros são mencionados, entre eles Adriano Pedrosa, diretor do Museu de Arte de São Paulo (Masp), que este ano assina a curadoria da Bienal de Veneza, marcada para o mês de abril.

Primeiro latino-americano a ocupar o alto cargo em 130 anos da exposição mais antiga do setor, Pedrosa também recebeu o Prêmio Audrey Ir-

mas de Excelência Curatorial por exposições relevantes, como *Histórias Indígenas*, no Masp. Para assinar a curadoria do Pavilhão do Brasil no evento, Pedrosa convidou três pensadores multidisciplinares indígenas, Arissana Pataxó, Denilson Baniwa e Gustavo Caboco Wapichana.

Como explica Marcello Dantas, “há o resgate de uma relação de interdependência”. “A natureza, os povos originários e o clima passaram a ser temas imperativos em nossos rumos para iniciarmos uma discussão estética. A Arábia Saudita tem um passado enorme e seu crescimento global por meio da cultura mostra o quão revolucionária a própria cultura pode ser.” ●

COLABOROU ANA CAROLINA RALSTON

PHOTOGRAPHY COURTESY OF THE ROYAL COMMISSION FOR AL-ULA
pressreeder